

## **GRUPO PARA ESTUDOS DE MUSICOGRAFIA BRAILLE DA UNIPAMPA**

**Igor Mendes Krüger**<sup>1</sup>

**Rosane Serpa de Fraga**<sup>2</sup>

**Igor Mendes Krüger**<sup>3</sup>

### **Resumo:**

O objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência sobre minha participação como bolsista do projeto de ensino Grupo Para Estudos de Musicografia Braille da Unipampa. Esse projeto tem como objetivo principal promover um ambiente de estudos periódicos de escrita e leitura de partituras em Braille, no Curso de Licenciatura em Música. O Grupo foi iniciado em 2016, com o intuito de suprir as necessidades de leitura e escrita de partituras em Braille de uma das discentes do Curso de Licenciatura em Música. Nesse trabalho apresento um pouco da metodologia de estudos desenvolvida nos encontros do projeto e os principais resultados que estamos alcançando.

**Palavras-chave:** Musicografia Braille; Inclusão; Acessibilidade

**Modalidade de Participação:** Iniciação Científica

## **GRUPO PARA ESTUDOS DE MUSICOGRAFIA BRAILLE DA UNIPAMPA**

<sup>1</sup> Técnico Administrativo em Educação. igorkruger@unipampa.edu.br. Autor principal

<sup>2</sup> Aluno de graduação. igorkruger@unipampa.edu.br. Apresentador

<sup>3</sup> Técnico Administrativo em Educação. igorkruger@unipampa.edu.br. Orientador



## **GRUPO PARA ESTUDOS DE MUSICOGRAFIA BRAILLE DA UNIPAMPA**

### **1. INTRODUÇÃO**

O objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência sobre minha participação como bolsista do projeto de ensino Grupo Para Estudos de Musicografia Braille da Unipampa. Esse projeto tem como objetivo principal promover um ambiente de estudos periódicos de escrita e leitura de partituras em Braille, no Curso de Licenciatura em Música. O Grupo foi iniciado em 2016, com o intuito de suprir as necessidades de leitura e escrita de partituras em Braille de uma das discentes do Curso de Licenciatura em Música.

No final do ano de 2015 o coordenador do projeto e eu participamos de um curso Intensivo de Iniciação à Musicografia Braille, promovido pelo NInA em parceria com o Curso de Licenciatura em Música da Unipampa, ministrado por uma professora do Instituto de Cegos Padre Chico, da cidade de São Paulo. Após a realização desse curso de 40 horas, para que pudéssemos dar sequência aos estudos de musicografia braille tivemos a idéia de criar o projeto de ensino que aqui apresento.

### **2. METODOLOGIA**

Após aprendermos as noções básicas no Curso de Iniciação à Musicografia em Braille, tendo como base no Manual Internacional de Musicografia Braille e nos trabalhos de Bonilha (2010; 2006), iniciamos nossos estudos fazendo uso de poucos símbolos. Começamos transcrevendo solfejos<sup>1</sup> contendo somente três notas (dó, ré e mi) utilizando durações de colcheias em compassos 4/8, ou seja, executando uma nota por tempo. Gradualmente fomos inserindo uma nota nova por semana, um símbolo novo de cada vez, visando equilibrar os desafios da aprendizagem com as habilidades dos estudantes. As informações foram incluídas de forma progressiva e cumulativa, respeitando o ritmo de assimilação das informações pelos participantes.

Após conseguirmos realizar solfejos contendo todas as notas musicais combinadas à diferentes figuras rítmicas, passamos também utilizar a flauta doce em nossos estudos. Utilizamos esse instrumento musical para ouvir as melodias que estamos lendo e com isso decorá-las para a execução dos solfejos.

Realizamos um encontro semanal de estudos com duração de uma hora e trinta minutos, nos quais digitamos e lemos os exercícios e as músicas que pretendemos tocar. Além disso, selecionamos atividades de escrita e leitura de partituras para realizarmos em casa e os apresentamos no encontro da semana seguinte. Durante todo o período de estudos no grupo, desde que o iniciamos, utilizamos para redigir as partituras uma máquina de escrever modelo Perkins e a reglete punção, duas formas manuais para a escrita de Braille.

Durante o semestre de 2017/1 tivemos que interromper o nosso processo de estudos de solfejos para tentar atender a demanda do componente curricular "Fundamentos da Regência I". Para a realização desse componente curricular

---

<sup>1</sup> Prática de cantar as notas de uma melodia escrita em partitura, dizendo os seus respectivos nomes e entoando suas respectivas alturas (frequências).

precisei ler uma partitura para orquestra, da música "Little Star" de Rob Grice, para catorze instrumentos e os excertos de obras orquestrais contidos no livro "MLR Instrumental Score Reading Program" (FROSETH & GRUNOW, 1979), que apresenta uma série de exemplos e explicações sobre como realizar a regência para diferentes combinações instrumentais e seus respectivos sinais de articulação, dinâmica e fraseado. Esses dois materiais foram transcritos da partitura em tinta para a musicografia Braille pelo coordenador do Grupo Para Estudos de Musicografia Braille da Unipampa. Tais transcrições foram realizadas utilizando o *software* de distribuição gratuita "Braille Fácil". Para a impressão dos arquivos em Braille, necessários para a realização do componente curricular de Fundamentos da Regência, realizamos uma parceria entre o nosso Grupo de Estudos e os funcionários do NUDE do Campus Itaqui da Unipampa. Os arquivos foram impressos em Itaqui, onde há uma impressora Braille que funciona e foram enviadas por malote para o Campus Bagé.

Em Braille, devido a impossibilidade dos cegos realizarem uma leitura espacial (vertical) da partitura<sup>2</sup>, precisamos ler linha por linha, utilizando a ponta dos dedos, e por isso, só conseguimos ler o que está disposto horizontalmente. Por essa razão, cada uma das vozes precisou ser transcrita individualmente. Com isso, precisei ler cada um dos instrumentos separadamente e tentar decorar o que cada um estava tocando para poder compreender como todos soavam juntos. Para me auxiliar nessa tarefa, o coordenador do projeto digitou a partitura em um *software* de edição de partituras, com o qual gerou um arquivo MIDI para que eu pudesse ouvir todas as partes tocando juntas, ou as vezes, ouvir cada um dos naipes da orquestra separadamente.

Nesse semestre de 2017/2, voltamos a trabalhar com melodias simples, aumentando o grau de dificuldade progressivamente, incluindo novos símbolos a medida em que os anteriores são assimilados por nós. Nesse semestre, além de escrevermos e lermos músicas com melodias simples para a flauta doce, também estou tendo que "tirar músicas de ouvido" e escrevê-las em musicografia Braille. Escolhi um repertório com cinco obras que gostaria de aprender a tocar na flauta e as estou estudando. Para realizar essas tarefas utilizo o meu gravador para escutar as músicas, a flauta doce para procurar as notas que estão sendo tocadas e a reglete e punção para redigir a partitura. Ao chegar no encontro semanal do Grupo Para Estudos de Musicografia Braille da Unipampa, meu orientador e eu conferimos se está tudo certo, discutimos e corrigimos o que sai errado.

### **3. RESULTADOS e DISCUSSÃO**

Devido a utilizarmos formas manuais de escrita de Braille, com a maquina de escrever Perkins ou a reglete e punção, nosso processo de escrita torna-se bastante demorado, o que resulta em uma quantidade pequena de materiais para a prática da leitura. O Campus Bagé da Unipampa possui uma impressora Braille, que está com defeito a mais de dois anos e por esta razão não conseguimos utilizá-la. A utilização dessa impressora facilitaria muito o desenvolvimento de nossas atividades.

Quanto as atividades que realizamos com o intuito de suprir as necessidades do componente curricular "Fundamentos da Regência I", elas serviram para que

---

<sup>2</sup> Da mesma forma que as pessoas que enxergam, pois elas podem visualizar as partes dos instrumentos sobrepostas em uma grade orquestral, podendo ler cada uma das vozes sobrepostas simultaneamente.

estudássemos uma série de símbolos que não estudaríamos realizando somente solfejos. As partituras para orquestra apresentam uma série de símbolos para a organização dos ensaios, como os números de compassos, *divisi*, compassos em pausa, dentre outros. Essas partituras apresentam ainda uma série de sinais de articulação, fraseado e expressividade que são pouco utilizados, ou não aparecem em métodos de solfejo, como os sinais de arcadas (para instrumentos de cordas friccionadas), trinados, mordentes, tremulo, etc.

Quanto as atividades que temos desenvolvido nesse semestre, que são as de tirar as músicas de ouvido e transcrevê-las, acredito que elas tem contribuído para a minha compreensão, especialmente no que diz respeito as acentuações fortes e fracas dos compassos, assim como, a forma como transcrever essas acentuações.

De uma forma geral, mesmo considerando que evoluímos de forma lenta devido a todo um contexto que envolve a falta de uma impressora Braille que funcione no Campus Bagé, a eu possuir um número elevado de tarefas para realizar devido às atividades dos componentes curriculares e estágios<sup>3</sup>, nossos resultados são significativos, pois hoje já consigo ler e escrever partituras em braille em compassos simples e utilizando diferentes figuras de duração. Tais habilidades já me proporcionam ler e armazenar uma série de músicas e trechos musicais que são necessárias para a realização de minhas atividades do Curso de Licenciatura em Música.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através desse trabalho apresentei um pouco do que temos realizado nos encontros do Grupo Para Estudos de Musicografia Braille da Unipampa, nossas principais dificuldades e nossos resultados.

Acredito que esse projeto tem contribuído com minha formação e que os conhecimentos que tenho adquirido através dele servirão para toda a minha vida como musicista e educadora musical.

Temos consciência de que temos ainda muitos passos para dar em direção a obtenção de minha autonomia no diz respeito a escrita e leitura de partituras em Braille, mas também temos consciência de que muitos passos fundamentais já foram dados. Espero seguir estudando e progredindo em minhas habilidades de leitura e escrita de musicografia Braille proporcionadas por esse Grupo de Estudos.

#### **5. REFERÊNCIAS**

BONILHA, F. Leitura musical na ponta dos dedos: caminhos e desafios do ensino de musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores. Unicamp, Campinas, 2006.

BONILHA, F. Do toque ao som: o ensino da musicografia Braille como um caminho para a educação musical inclusiva. Unicamp, Campinas, 2010.

---

<sup>3</sup> O coordenador do projeto sempre enfatiza que a musicografia braille é fundamental para a minha formação e também para a minha futura carreira como educadora, mas que a minha prioridade é realizar as atividades dos componentes curriculares, só depois de alcançar tais prioridades é que devo me dedicar aos estudos do Braille.

FROSETH, James O.; GRUNOW, Richard F. MLR instrumental score reading program. Chicago, GIA Publications, 1979.